

## Realidade e representação cultural em Le Clezio

### Reality and Representation: Le Clezio

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha\*

---

**RESUMO:** Le Clézio, escritor francês contemporâneo, apresenta, em *Révolutions*, uma narrativa poética de experiências vividas (o próprio Le Clézio?), recuperando uma trajetória da infância à maturidade, permeada pela reconstrução de narrativas orais, paralelas, com as quais se reconhece identitariamente, propondo reconquistar ou buscar as lembranças dos antepassados, do pai, das origens de um menino-personagem-filho que voltou atrás, à África, às Ilhas Maurício, aos confins de Camarões e da Nigéria, para se desvendar os segredos e lacunas deixadas pelo Outro – que também resulta em um Si-próprio. Nessa obra, o autor desvenda uma experiência múltipla que, de um lado, desenha um estrangeiro, em uma França que o acolhe sem, no entanto, reconhecê-lo. Nesse sentido, o trabalho aqui proposto – ancorado em estudos teóricos críticos culturais, especialmente sobre transculturação, identidade, colonialismo, dentre outros - pretende desvelar os caminhos de uma narrativa ancorada nas lembranças da memória de Si e do Outro, e na criação de identidades, de forma a propor uma leitura transcultural, ainda que individual e distanciada pela intimidade com o eu ficcional, de recuperação ou delineamento de experiências culturais e estruturantes de um viver contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transculturação. Identidade. Narrativa.

**ABSTRACT:** Le Clézio, contemporary French writer, presents in *Révolutions* a poetic narrative of experiences lived (by Le Clézio himself?), recovering a trajectory from childhood to maturity, permeated by the reconstruction of oral, parallel narratives, with which recognizes the identity, aiming to reconquer or seek the memories of ancestors, of the father, of the origins of a boy-character-son that came back, to Africa, Mauritius, to the ends of Camerouns and Nigeria, to reveal the secrets and gaps left by the Other – that also results in Oneself. In this work, the author reveals a multiple experience that, on one hand, draws a foreigner in a France, which hosts him, however, does not recognize him. In this sense, the work proposed here - anchored in critical cultural study theories, especially about transculturation, identity, colonialism, among others - aims to reveal the paths of a narrative fundamented in the memories of Oneself and the Other, and the creation of identities, in order to propose a cross-cultural reading, although individual and distanced by intimacy with the self fictional, of recovery or design of structural and cultural experiences of a contemporary living.

**KEYWORDS:** Narrative. Identity. Transculturation.

---

---

\* Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia, cursos de Especialização no Canadá e Antilhas, Mestrise ès Lettres na Universidade de Nice (França), Mestrado e Doutorado em Letras, pela Universidade de São Paulo, e pós-doutoramento em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Profª. Associada do ILEEL/UFU.

*Reflexionar sobre la escritura y sobre el imaginario de nuestro tiempo, en particular desde este nuestro tiempo consciente de su caminar con un ritmo plural, moderno, premoderno y posmoderno, no puede ser realizado sin insistir en describir el lugar desde donde se habla o se reflexiona y sin dejar de inscribir el lugar desde donde se habla en aquello que se habla.<sup>1</sup>*

Falar em literatura implica, antes de tudo, pensar as relações entre a crítica literária e o lugar do qual o crítico emite seus juízos e olhares, deixando aí, já de antemão, uma parcialização e um recorte implícito e correspondente às especificidades e caminhos delimitados por esse crítico.

Por outro lado, a crítica tradicional – ortodoxa e compartimentada em rótulos, visões circunstanciais, recortes e pormenores que, muitas vezes, cristalizam o objeto e a análise literária - acaba por não privilegiar aspectos importantes do entendimento e das reflexões estéticas e artísticas, valorizando somente produções simétricas e isomorfas, alinhadas a juízos de valor padronizados que desconsideram as relações e ambiguidades inerentes ao próprio homem, ao seu processo contínuo de se reconhecer e se construir a partir dos elementos e contradições que o identificam e, ao mesmo tempo, justificam sua busca, sua expressão e suas manifestações culturais.

Nesse sentido, este trabalho espera revisitar as interrogações e exercícios escriturais, significativos da cultura, distanciada de um eixo convencional, cujo conteúdo revela aspectos de uma essência dinâmica, plural e reveladora de um Outro – às vezes desconhecido, às vezes obscuro ou hermético ou lacunar, mas essência de um Eu que busca se impor e se conservar pela palavra e por uma escritura substantiva. Esta investigação-provocação insiste em legitimar a valorização do local e do fronteiro e do universal como elemento imprescindível para se determinar e reconhecer as identidades recriadas.

Nesse caminho, as reflexões contemporâneas acerca das noções de espaço, alteridade, fronteira, universalidade e transculturação, visam a uma correlação dentre essas mesmas na perspectiva de entendimento das diferenças e das identificações, dentro de uma formulação do reconhecimento de nós mesmos, sujeitos de identidades híbridas, mestiças. Enfatiza Mignolo (2003), que um novo conceito de razão está se construindo com vista aos *loci* diferenciais de enunciação, o que significa *um deslocamento das*

---

<sup>1</sup> ACHUGAR, H. **La Biblioteca em ruínas**: Reflexiones culturales desde la Periferia. Montevideo, Ediciones Trilce, 1994. p. 29.

*práticas e das noções de conhecimento, ciência, teoria e compreensão articulada no período moderno.* Daí, a ulterior formulação reflexiva da colonialidade e saberes subalternos, ao elaborar a crítica das *histórias locais e projetos globais*: “os povos e comunidades têm o direito de ser diferentes precisamente porque ‘nós’ somos todos iguais em uma ordem *universal* metafísica, embora sejamos diferentes no que diz respeito à ordem *global* da colonialidade do poder.”

Conforme ainda Mignolo, em *Histórias locais / Projetos globais*,

(...) a literatura e as teorias pós-coloniais estão construindo um novo conceito de razão como *loci* diferenciais de enunciação. O que significa “diferencial”? Diferencial significa aqui um deslocamento do conceito e da prática das noções de conhecimento, ciência, teoria e compreensão articuladas no decorrer do período moderno. (MIGNOLO, 2003, p.167).

Para o crítico, a fortuna de um escritor não resulta tão somente das condições que garantiram o sucesso e divulgação “universal” de suas obras; para uma justa valoração das obras e autores, interessa verificar aquilo que os torna originais e o *vate* de um lugar, um espaço, uma localização.

Pensando sobre as transformações teórico-críticas que perpassam o domínio da Literatura, pode-se justificar, para este trabalho, a escolha de um caminho voltado para as questões culturais da atualidade, privilegiando inter-relações que apontem outros desdobramentos ao permitir delinear linhas de força da Literatura, ao mesmo tempo esperando verificar novas formas narrativas, que interrogam o sujeito ficcional, fragmentado e ambíguo como a subjetividade moderna que o acolhe e, ao mesmo tempo, garante o caráter essencial que mantém e justifica a perspectiva ontológica deste ser humano.

Baudelaire, ainda no final do séc. XIX, em seu célebre artigo sobre Delacroix<sup>2</sup>, lembra que a “modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte sendo a outra metade o eterno e o imutável.” Tal afirmação permite compreender alguns elementos dessa subjetividade moderna, cuja ambiguidade e fragmentação angustiam o homem, deixando-lhe interrogações irrespondidas, identidades múltiplas, espaços fluídos e certezas plurais. O discurso moderno transforma-se em uma nova problemática, existencial e cultural, não mais restrita a um único território, mas sim a um novo conceito

---

<sup>2</sup> BAUDELAIRE, C. O pintor da vida moderna. In: BAUDELAIRE, C. **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar, 1995, p. 859

de lugar, determinando igualmente, um novo sentido de pertencimento e de posse, indicando a manutenção da substância essencial como elemento imperecível da condição humana. Esta essência é, por outro lado, objeto de muitas outras adesões e conceitos correlatos.

Por outro lado, Rama - intelectual respeitável e obsessivo pela constituição de uma cultura latino-americana - apresenta, a partir das ideias do sociólogo cubano F. Ortiz<sup>3</sup>, uma visão integradora da história e cultura latino-americanas.

Surge então o conceito de transculturação narrativa propondo, dentro de muitos diálogos, uma nova interpretação do romance, em que os elementos culturais, imbricados em outros de herança estrangeira, delineiam, muitas das vezes, uma narrativa conduzida pelo narrador.

Nesse sentido, o exercício de uma transculturação narrativa enxerga as contribuições de uma crítica estética sem, contudo, abandonar as questões temáticas e comparatistas que emanam de outro olhar sobre a obra, um olhar que privilegia o múltiplo e, ainda, a disponibilidade de abarcar o entendimento de elementos nascidos na superposição de diferentes níveis temporais, culturais, sócio-históricos, que acabam por apontar as ambiguidades e particularidades do discurso literário da América Latina.

Esta visada cultural, ancorada por teóricos que postulam a valorização dos Estudos Culturais, constituirá, a partir da análise da obra de Le Clezio, *Révolutions*, um instrumento de leitura de universos diferentes, o mítico e o “real” ficcionalizados pela imaginação, de mundos separados, mas, entretanto, convergentes em temas e também na linguagem – esta que, ao mesmo tempo, recria um mundo em constante transformação e expõe o homem aos desafios do mundo moderno, individualizado e coletivo.

O texto de Le Clezio, como se verá adiante, permite exercitar um olhar desconstrutor sobre os pilares de uma narrativa tradicional, favorecendo a leitura de um novo processo discursivo, que considera as oposições e dicotomias entre centro e periferia, antigo e moderno, oral e escritural, mostrando-as não como condições excludentes ou opostas, mas sim como elementos mediadores de experiências culturais vivenciadas e mediadas pelo exterior e universal, pelos valores internos e próprios a cada cultura, enfim ao amálgama que os une e, ao mesmo tempo, os diferencia.

---

<sup>3</sup> A obra de referência deste sociólogo e historiador cubano na qual Rama se baseia é **Cuntrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**, publicada em 1940.

*Révolutions*, obra escrita em 2003, apresenta uma nova versão da escritura poética do autor. Compartilhando com seu leitor uma perspectiva memorialística-ficcional do seu percurso pessoal - alimentado de aventuras e buscas ancestrais - o autor revolve sombras, supostas intimidades e lembranças, em um processo contínuo de deslocamento, presença, ausência e acomodações existenciais. Os vivos e os mortos, os continentes e ilhas, mares e oceanos, ontem e hoje, noite e dia, transformam-se em material de um quebra-cabeça enigmático, cuja grande lição é a busca de uma identidade reconhecida a partir dos acréscimos e lacunas desenhadas, por um lado, pelas heranças multi-étnicas e renovadas por uma individualidade sempre apaziguada pela lucidez e sensibilidade. Por outro lado, essas mesmas heranças permitem ao escritor a recusa às experiências cômodas de uma sociedade que coexiste com caladas interrogações sujeitando o homem a um existir sempre equivocado sócio- culturalmente. Partindo desses componentes ficcionais, este estudo pretende investigar as questões sócio-ideológicas-culturais que traduzem o discurso e a dimensão identitária, deste heróico sujeito<sup>4</sup> – misto de narrador, protagonista, intérprete e tradutor de leituras construídas por uma sensibilidade revivida e ficcionalizada na memória e na solidão de uma cegueira iluminada, mas, sempre, brotada deste emaranhado tecido multi referencial e pos-colonialista.

A obra é composta de sete capítulos que, ritualísticos ou iniciáticos, correspondem, na verdade, a etapas de um drama recortado e angular, da reconstrução de uma epopéia familiar e de um olhar que se constrói sob a memória do Outro. Esse Outro que, no entanto, é um Si Próprio, elemento e consistência atualizadas de um conteúdo e saga familiar, arquetípica, que preenche as identidades buscadas, substancializadas por esse processo de duplicação e diálogo.

No primeiro capítulo, ao longo de, aproximadamente, 85 páginas, o leitor se depara com o personagem-escritor(?) principal, um Jean adolescente, situando sua experiência de vida a partir de uma demarcação espaço-temporal – *La Katativa*, “tout un monde<sup>5</sup>” (um mundo inteiro) – nome mágico da residência outrora grandiosa, visitada todos os dias por Jean e onde habitava Tia Catherine. Esta levava uma vida solitária e,

---

<sup>4</sup> Ver, sobre esse aspecto, FEATHERSTONE, M. **O desmanche da cultura**: globalização, pós-modernismo, identidade. São Paulo: Studio Nobel, SESC. 1997, p. 87, que afirma: “Se a vida cotidiana se dá em torno do mundano, do ordinário, daquilo que é assumido sem o maior exame, então a vida heróica aponta para a rejeição que ela manifesta em relação a essa ordem, aplicada à vida extraordinária, que não somente ameaça a possibilidade de retorno às rotinas cotidianas, como também implica por em risco a própria vida.”

<sup>5</sup> LE CLÉZIO, J. M. G. **Révolutions**. Paris, Gallimard. 2003. p.14.

Todas as referências a esta obra, a partir desta indicação bibliográfica, serão anotadas, salvo informação contrária, pela abreviatura R. seguida do nº da página. As traduções, de minha responsabilidade, se seguirão a cada citação.

mesmo cega, sabia, instintivamente, a hora da chegada de Jean, dando início, ou recuperando, um minucioso ritual diário, do qual faziam parte a cerimônia do chá, o “pain perdu” (pão amanhecido) e as longas histórias, lembranças de Maurice e dos ancestrais, que se misturavam aos sabores e odores reinaugurados pela memória desvelada e revisitada de energias sempre renovadas.

Nessas visitas “ritualísticas”, em um espaço mágico de aprendizagem, o personagem organiza o patrimônio do passado resgatado por Catherine .

Ao mesmo tempo, Jean se organiza nessas memórias duplamente construídas – no seio das lembranças de Catherine, no processo de fabulação e oralização, muitas vezes em língua *créole*, recebido pelo personagem e, finalmente, pelas escolhas sensíveis e ficcionalizadas que o narrador privilegia, dividindo com o leitor o seu peso e suas contribuições para a formação deste patrimônio dinâmico que se delinea na experiência identitária e cultural deste processo ritualizado.

Sob esse aspecto, Gilles Deleuze<sup>6</sup> esclarece que a fabulação criadora, entendida como libertação, não avaliza a conservação do vivido, sendo, nesse caso, uma potência de criação. Portanto, ao voltar para o passado, a fala ou a escrita fabulatória não atualizam o vivido, isto é, o presente que se tornou passado, mas o incorporam, favorecendo uma outra concepção de Passado , Presente e Futuro e de suas relações – virtuais ou reais. É, nesse viés fabulatório e ficcional, que se pode entender a relação de Jean com Catherine. Esta propõe, de forma intuitiva e enigmática, não uma verdade a ser revelada, mas sim um efeito de verdade a ser criado pela capacidade de fabulação e de sensibilização de seu ouvinte. Ou, como afirma Pimentel<sup>7</sup> “É porque somos capazes de ficcionar, de criar perceptos e afectos, de criar mundo, que estamos sempre em devir, em constante transformação”.

Compreende-se, nesse momento, não só o título deste capítulo, baseado em uma “Enfance rêvée”, justificando, por um lado, as questões e fatos incorporados à memória coletiva de Catherine, mas, ao mesmo tempo, acabam por se transformar em um ponto de vista de uma memória coletiva que se realiza em dupla construção: primeiramente, as lembranças privilegiadas pelas reminiscências atualizadas e, em um segundo momento, a transformação dessas rememorações em um discurso apreendido pelo narrador, fazendo então que esse processo intersubjetivo, ancorado na memória, dê uma “coesão narrativa”

---

<sup>6</sup> DELEUZE, G. **O que é a Filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1992. p.23

<sup>7</sup> PIMENTEL, M. “Da memória à fabulação: por uma serialização do passado” In: **Gândara**: Literatura e violência. Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses Rio de Janeiro n. 2 2007, P.215 a 223.

a uma “coesão de vida”<sup>8</sup>, acabando, em última análise a delinear uma consciência temporal e histórica que o próprio narrador preserva e que o personagem adiciona à sua experiência de sujeito inscrito em um presente e em um futuro, como lembra Ricoeur:

En efecto, era importante situar la secuencia a la que están dedicados estos estudios [...] sobre el telón de una dialéctica más amplia, la de la conciencia histórica, en la que el pasado no se encuentra separado del futuro, dando por supuesto que el adjetivo “histórico” no califica una ciencia determinada, la ciencia histórica, sino la condición humana, o, como suele decirse, su historicidad. ¿Por qué llevar el marco de la discusión más allá del problema del “carácter pasado” del propio pasado? Porque todos los términos de la secuencia mencionada tienen que ver con el pasado y este solo adquiere el doble sentido de “Haber sido” y de no ser ya” en su relación con el futuro. [...] toda la terapéutica de la memoria herida descansa en esa prioridad de la relación del presente con **el futuro en lugar de con el pasado**<sup>9</sup>

Explica-se, inicialmente, a pretensa ordem “desordenada” de uma percepção do passado rememorado, já incorporada a um presente que, no entanto, busca subsistir – transformar-se em futuro? - pela reordenação das raízes familiares mais primitivas e de seu constante interrogar, interrogando as razões e sentidos intuídos pelas inúmeras mudanças e buscas ancestrais, durante séculos, que culminaram com o estabelecimento da família em Maurice (*Autrefois, à Rozillis ...*), a posterior falência e o retorno a Nice, universo ainda distante e, entretanto, raiz sólida de uma identidade sempre transitória, e de um espaço sócio-político cultural não reconhecido. Compreende-se, ainda, que o personagem, nesse caso, vê-se acudado entre mundos dialéticos e mesmo antinômicos, uma vez que, por um lado, mantém-se dentro de um cotidiano “real”, pontuado de racionalidade e de exercícios coercitivos impostos pela sociedade e, por outro lado, essa mesma lucidez permite-lhe transitar para um outro universo, igualmente coeso, no qual a sensibilidade, a emoção e a fabulação inerentes à condição humana desenham um outro projeto de existência substantiva, suportada pela busca de uma identidade familiar, a garantir, nas suas raízes, as condições culturais e existenciais que fortalecem o “seu” futuro.

Cria-se, assim, um espaço de narrativas paralelas, cuja manipulação temática e temporal conduz o leitor a tornar-se também um tecelão e tramar um novo destino para as inúmeras referências e notações que se imbricam: desde a existência do primeiro

<sup>8</sup> RICOEUR, P. **La lectura del tiempo pasado**: memória y olvido. Madrid: Ediciones de La Universidad Autónoma de Madrid. 1999, p. 20.

<sup>9</sup> RICOEUR, P. Idem, p. 23.

ancestral, a buscar novas terras e novos caminhos, passando pelas aulas de Filosofia ou as amizades de um Jean, estudante adolescente ou desertor do exército por não se prestar lutar na guerra da Algéria, ou estudante de Medicina na Inglaterra, ou, como servidor temporário no México, a cumprir, depois de formado, o seu serviço militar. Ou, finalmente, como eterno nômade que vai a Mauricio buscar as origens da família, reconstruindo os mesmos caminhos guardados pela memória de Catherine – e dos quais era um repositório - e, em contrapartida, buscando identificarem-se com algo que lhe preenchesse as lacunas da própria história-estória individual, sempre caleidoscópica, sempre recortada e plural.

Compreende-se aqui que esta multiplicidade - refletida pelo comportamento de um Jean sempre incomodado, sempre insatisfeito com seu lugar no mundo, sempre interrogando os recursos e processos globais que homogeneizam as diferentes manifestações culturais, transformando-as em “glocais”<sup>10</sup> - determina, em última análise, a concretização de uma narrativa ímpar, a refletir um conceito mais global do moderno. Este, em vez de preocupar-se com as sequências históricas de transição da tradição para a modernidade e a pós-modernidade, focaliza:

A dimensão espacial e o relacionamento geográfico entre o centro e a periferia, nos quais as primeiras sociedades multirraciais e multiculturais se encontravam na periferia e não no centro. A diversidade cultural, o sincretismo e o deslocamento ocorreram inicialmente lá. As interdependências e o equilíbrio de poder, que desenvolveram entre Estado-Nação como a Inglaterra e a França e as sociedades coloniais, constituem um aspecto importante, ainda que negligenciado, da modernidade.<sup>11</sup>

Afirma-se, nessa viagem ao interior das identidades e referências construídas, o papel das narrativas orais. Catherine, por exemplo, com a voz da memória, ratifica esse cruzamento e sua importância que, igualmente, vão transferir a Jean um novo olhar sobre o individualismo e a coletividade, sobre o local e o global, sobre, ainda, a razão e a emoção:

“Est-ce que je t’ai dit que j’avais appris à parler aux plantes?” La tante Cathérine était si loin de tout ce qui se passait. Les nouvelles qu’elle entendait à la radio la rendaient furieuse, “Des guerres, j’en ai trop vu, disait-elle. Celle de 1914 m’a pris mon frère, celle de 1940 ma soeur, qui est morte parce qu’il

---

<sup>10</sup> FEATHERSTONE, M. **O desmanche da cultura**: globalização, pós-modernismo, identidade. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 1997, p. 162, que emprega o neologismo como uma junção dos termos global e local, para se obter uma mistura destituída de uma identificação própria.

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*, p. 164.

n'y avait plus rien à manger à Paris". Elle croyait au droit des peuples à disposer d'eux-mêmes, elle détestait l'impérialisme anglais et le colonialisme français.<sup>12</sup>

("Eu te contei que aprendi a conversar com as plantas?" A tia Catherine estava longe de tudo que acontecia. As notícias que ela ouvia no rádio, deixavam-na furiosa. "guerras, já vi demais, dizia ela. Aquela de 1914 tirou-me meu irmão, aquela de 1940 a minha irmã, que morreu porque não havia mais nada para comer em Paris". Ele acreditava no direito dos povos para se organizarem e escolherem por eles mesmos, ela detestava o imperialismo inglês e o colonialismo francês.)

Este é um momento de cruzamento de elementos políticos e culturais, nos quais se pode reconhecer a interação das fronteiras e dos limites. De um lado, a fronteira político-ideológica, que nega os regimes de governo vivenciados e suas tristes conseqüências; de outro lado, seus limites e interferências na configuração de um projeto existencial de sobrevivência física e identitária, no qual a experiência cotidiana está pautada por uma não escolha, por um doloroso constrangimento – resultado e, ao mesmo tempo, razão desta inadequação cultural e ontológica a macular o exercício, identitário, estrangeiro e estranho, de estar-no-mundo que não reconhece. Para esse reconhecimento, é preciso redefinir a noção de cultura e sociedade por meio de um foco nos momentos ou processos produzidos na articulação das diferenças culturais. Tal reconhecimento seria um processo performático, ou seja, dinâmico e interativo, não pré-estabelecido pela tradição e pela fixidez da idéia de cultura como herança imutável, mas sustentado por um patrimônio constantemente em transformação, que aposta na adequação à complexidade e, ao mesmo tempo, à fluidez da vida contemporânea.

Tal dinamismo, imposto por um comportamento social aparentemente híbrido e desordenado - que a própria narrativa insiste em recuperar pela manutenção de histórias-estórias familiares e individuais fundidas em um tempo histórico igualmente superposto e desorganizado – induz à compreensão dos conflitos identitários não como uma tentativa de ruptura ou como uma opção excludente de outras vivências significativas mas como uma oportunidade de voltar ao passado, lá se municiando de uma substância e de uma adesão ao mundo familiar, que permita a esse personagem-viajante, suprir-se de raízes, de alimentos e de forças ontológicas, primitivas e ancestrais.

Jean, vencidas as inúmeras peripécias ou ritos de passagem que se impôs a sua formação de ser social e cidadão do mundo, ser nômade e culturalmente plural, busca o conteúdo do Outro (seja individual, seja cultural) para conhecer e assimilar sua alteridade

---

<sup>12</sup> R., p. 243.

- não pela exclusão e o não-entendimento, ou rejeição do entendimento, mas, sim, pelo apaziguamento das inúmeras interferências e condições que ai se dialogam.

Aliás, o próprio casamento de Jean com Mariam, uma refugiada algeriana que, assim como ele, busca fincar raízes em outro espaço-tempo que lhe reconheça, é um símbolo emblemático de uma simbiose e de uma assunção desta condição nômade e plural, que determinam a tessitura de um novo recorte existencial, costurado em uma acomodação das categorias e condições rígidas de modelos e padrões excludentes e ocidentalizados.

Talvez por isso, ou em conseqüência da busca e imposição de um apagamento de fronteiras, limites identitários e nacionalidades, o casal parte em viagem:

*Le voyage à Maurice, c'était un peu leur lune de miel. Jean avait parlé d'Oran, pour voir la vieille ville, et la grande avenue où Mariam avait perdu ses pains. Mais elle n'a pas voulu. Peut-être qu'elle n'est pas prête à regarder son passé en face. Ou elle a peur que les militaires là-bas lui enlèvent son passeport français.<sup>13</sup>*

(A viagem a Maurício era como uma espécie de lua de mel. Jean tinha sugerido Oran, para ver a cidade velha e a grande avenida onde Mariam tinha perdido seus pães. Mas, ela não quis. Talvez por não estar pronta para encarar seu passado. Ou, então, ela tem medo que os militares de lá lhe retirem seu passaporte francês.)

Maurício – não mais um não lugar, mas sim a ilha original, o tesouro escondido e o mundo a descobrir – tornam-se o alvo desse périplo físico e, ao mesmo tempo, interior, povoado de cheiros, lembranças adquiridas e fabricadas, a desenharem uma cartografia sensível, plena de referências e sentidos reatualizados pela memória de Catherine, arquivados pelo desconforto existencial de Jean – guardião responsável deste patrimônio eternizado na lembrança e na subsistência.

Para ele,

*Maurice, c'était plus facile. C'est neutre. Il n'y reste plus personne du nom de Marro. Juste des fantômes, mais le soleil, l'éclat des plantes et l'indépendance toute neuve doivent bien venir à bout des fantômes.<sup>14</sup>*  
(Maurício era mais fácil. É neutro. Não existe mais ninguém com o nome de Marro. Somente os fantasmas, mas o sol, o brilho das plantas e a nova independência devem acabar com os fantasmas)

O eterno exílio se dilui: Maurício, o retorno às origens. A viagem, a busca infinita, a condição original revisitada, se somam para a construção de um novo patamar: aquele do homem que se reconhece pela memória ancestral, juntando, tal como um quebra-

---

<sup>13</sup> R., p. 518

<sup>14</sup> R., p.518

cabeça, as peças de seu retrato, de sua condição individual de sujeito contemporâneo e, ao mesmo tempo, símbolo de lacunas sociais, afetivas, culturais, psicológicas e existenciais. Jean parte em busca de um conteúdo maior e significativo de sua existência ao atender, preenchido de sol, de luz e de um calor tropical inebriante, intuitiva e sensivelmente, ao chamado da terra de seus ancestrais:

“Au fond du ravin la chaleur est étouffante. C’est un lieu perdu, séparé da la Maurice actuelle, si différent, Jean a le sentiment de voir avec les yeux de son aïeul ce qu’il a regardé il y a cent cinquante ans quand il est venu ici à la recherche du lieu de sa thébaïde. Um monde encore intact, ou il pouvait oublier avec Marie Anne et ses enfants la vindicte et la médiocrité, et sans doute son échec à faire fortune ..”<sup>15</sup>

(No fundo do vale o calor é escaldante. É um lugar perdido, separado da ilha Maurício atual, muito diferente; Jean tem a impressão de ver com os olhos de seu antepassado o que ele olhou a cento e cinquenta anos atrás, quando ele veio aqui à procura do lugar de sua solidão. Um mundo ainda intacto, onde ele poderia esquecer, com Marie Anne e suas crianças, a vingança e a mediocridade e, sem dúvida, seu fracasso em fazer fortuna ... )

Lá, Jean se depara com um estado original, recupera suas impressões e raízes mais profundas – guardadas pelo olhar de Catherine e pela sua presença, revigorante e curativa:

“Dans le silence, l’eau fait un bruit continu, très doux, très puissant. Jean est arrivé au Bout Du Monde, c’est ici que Catherine venait autrefois. Il lui semble sentir sa présence près de lui, entendre le bruit de ses pas. [...] Maintenant Jean s’arrête, le coeur battant, la tête pleine de vertige. Il est à l’endroit exact ou la vie de Catherine s’est interrompue, comme si elle y avait laissé une partie d’elle-même. Ce jour fatal du 1er. janvier 1910 quand avec sa famille elle a été chassée du paradis.”<sup>16</sup>

( No silêncio, a água faz um barulho contínuo, muito doce, muito vigoroso. Jean chegou ao Bout du Monde; é aqui que Catherine vinha antigamente. Parece-lhe sentir a presença dela perto dele, escutar o barulho de seus passos. [...] agora, Jean pára, com o coração batendo forte, a cabeça cheia de vertigens. Ele está no exato lugar onde a vida de Catherine foi interrompida, como se ela tivesse deixado ali uma parte dela mesma. Este dia fatal do 1º de janeiro de 1910, quando, com sua família, ela foi expulsa do paraíso)

A vertigem cede lugar a uma condição de êxtase e alumbramento que, completando os ritos de passagens individuais, concretiza, por extensão, o novo homem que dali renasce:

“Jean brûle de soif. Il s’est penché sur l’eau noire, Il a bu en écartant les feuilles et les herbes. Il est resté longtemps couché sur la roche tiède, jusqu’à ce que l’ombre tourne et emplisse de nouveau le ravin. Alors il remonte la rivière jusqu’au pont du chemin de fer. Un bus l’a ramassé un peu plus tard et, tandis qu’il descend la route cahoteuse vers Mahébourg, il se sent heureux

<sup>15</sup> R., p. 521.

<sup>16</sup> R., p. 521.

et libre, comme si l'eau du bassin du Bout du Monde l'avait lavé.”  
(Jean queima de sede. Ele se agacha na água negra, bebe-a entre as folhas e ervas. Deita-se longamente sobre a rocha morna, até que a sombra gire e preencha novamente o vale. Então, ele sobe novamente o rio até o ponto da estrada de ferro. Um ônibus o recolhe mais tarde e, enquanto volta para Mahébourg, ele se sente feliz e liberto, como se a água da bacia do Bout du Monde o tivesse lavado.)

O batismo, a purificação, fazem parte de um ciclo de consumação de um projeto de busca de origens, de reatualização das memórias ancestrais e, sobretudo, de reconhecimento de si próprio. Os rituais de passagem e, ao mesmo tempo de iniciação, apontam para um processo especular, de busca de conteúdo, sentido e identidade que apagam, no tempo e no espaço, as diferentes categorias, recuperando, em contrapartida, os espelhos já embaçados pelo tempo e pela distância e que, entretanto, prometem uma possibilidade de salvação de si, do Eu sujeito e do Outro que lhe habita e, ao mesmo tempo, justificando o perpétuo nomadismo que o constringimento existencial impôs.

Assim, paira a última pergunta: *Ce qui a été peut-il être encore? Peut-on vivre à la fois dans plusieurs temps?* <sup>17</sup>(Aquilo que foi pode, ainda, ser? Pode-se, ao mesmo tempo, viver em muitos tempos?)

Tal preocupação encontra seu eco e sua resposta na contínua peregrinação de Jean. Agora, fortalecido e alimentado de uma nova – mas ancestral e primitiva – substância, Jean se dispõe a buscar, no cartório da cidade, indícios de sua família, do nome que carrega e que, como depositário, poderá, ao mesmo tempo, espelhar, garantir e eternizar:

“Le premier tome n'a rien donné. Jean ouvre le deuxième, où sont recensés les transferts de sepulture. En 1847, le cimetière central de Port Louis a été déplacé pour la construction des bâtiments de l'Administration, et toutes les tombes transférées à l'ouest. Et là, tout un coup, à la deuxième page, Jean voit le nom de Marro. Écrit sans prénom, sans date, sans qualité. Juste ceci: Marro. Et le chiffre 337, le numéro de la concession.” <sup>18</sup>

( O primeiro livro não tinha nada. Jean abre o segundo, onde estão anotadas as transferências de sepulturas. Em 1847, o cemitério central de Port Louis foi deslocado para a construção dos edifícios da Administração e todos os túmulos transferidos para oeste. E então, inesperadamente, na segunda página, Jean vê o nome Marro. Escrito sem prenome, sem data, sem qualidade. Somente isso: Marro e o nº 337, o número da concessão)

A resposta a todas as perguntas irrespondidas, a todas as dúvidas acumuladas; todos os medos ou lacunas se transformam e se resolvem pela última etapa desta *via crucis* da modernidade: Jean reencontra a lápide com o nome Marro:

---

<sup>17</sup> R., p. 529.

<sup>18</sup> R., p. 531.

“Au centre de la dalle, gravé au ciseau, encore très lisible malgré le temps et l’abandon, Il y a juste le nom MARRO. Jean n’avait pas espéré pierre plus simple et plus belle pour Jean Eudes et Marie Anne. Cette grande dalle noire posée sur la terre, éclairée par la lumière du soleil, avec le vent de la mer qui froisse le feuillage des arbres alentour. Comme s’il n’y avait personne avant, personne après eux. C’est une impression mystérieuse et simple à la fois. C’est ici, sous cette dalle, et nulle part ailleurs, que survit le rêve de Rozillis.”<sup>19</sup>

(No centro da pedra, entalhado, mas ainda lisível apesar do tempo e do abandono, tem somente o nome MARRO. Jean não tinha esperado lápide mais simples e mais bela para Jean Eudes e Marie Anne. Essa grande lápide negra, colocada sobre a terra, clareada pela luz do sol, com o vento que escorrega na folhagem das árvores próximas. Como se não tivesse ninguém antes, ninguém depois deles. É uma impressão simples e misteriosa ao mesmo tempo. É aqui, sob essa lápide, e não mais em outro lugar, que sobrevive o sonho de Rozillis.)

E compreende então que um ciclo identitário se completa e se consuma pelo reencontro e revivescência das raízes mais profundas e mais simbólicas, que determinam esse reconhecimento do Outro e de si próprio neste Outro, garantindo, inclusive, a possibilidade de sonhar e de se manter acima da constrangedora realidade. Aqui, um nome – MARRO – resiste ao tempo, às intempéries físicas, sociais, morais, e passa a marcar, ainda que numa conjuntura relacional, uma identidade e uma diferença que se distanciam dos padrões cristalizados dos desenhos representativos da contemporaneidade. Tais padrões se perpetuam em um tempo atemporal e em um espaço igualmente significativo, mas, nesse momento, a-histórico, porque é pluridimensional, multisimbólico e, sobretudo, pleno de uma substância universal e sensível – que apazigua as contradições e as lacunas nascidas das incessantes buscas pelos outros espelhos quebrados; estes que espelham uma imagem caleidoscópica, sempre recortada, em construção e em sentido também plural.

Nesse momento, a visão tradicional de individualidade é diluída em favor de um deslocamento de realidades sonhadas e perseguidas; estas, ainda que apontem para um estranhamento social – assim como Jean, que sempre experimentou um grande desconforto face às instituições mais rigorosas e padronizadas – apontam também para o desmoronamento das fronteiras entre o público e o privado, o social e o individual, revelando, assim, aquilo que está oculto por sua própria ausência. Assim, compreende-se, por conseqüência, o reconhecimento da diferença e das diversidades culturais, em

---

<sup>19</sup> R. p. 532

oposição a um universo cultural organizado e mantido pela tradição que, no entanto, desconhece a cultura e as manifestações do homem como legítimas presenças da ambivalência, das fronteiras sutis e subjetivas do exercício humano de se identificar cultural e socialmente.

Assim, a perpetuação deste dinamismo e deste constante recomeçar tem para sua existência, a permanência do próprio ritual de busca e interrogações, de viagens e de nomadismo, de exílios e de cidadania, como a assegurar a permanência dos laços e traços familiares a partir de um investimento e de aposta na memória sempre alimentada pelos desígnios de uma sacralização atualizada na outorga das identidades até então reconhecidas, até então mantidas pelo exercício de um viver renovado.

Por isso, talvez, o narrador interrompa essa história-estória não como um fim, mas como outra possibilidade de perpetuação, com outra vida a projetar os sonhos adormecidos de Marro, que sobrevivem em Rozillis.

“Cette nuit, dans la petite chambre blanchie à la chaux où le vent agite le tulle, Jean et Mariam feront l’amour très doucement, très longtemps, jusqu’à toucher ce point, ce tressaillement lumineux que personne ne peut expliquer et que les vivants atteignent quelquefois, et qui scelle leur futur. Plus tard, longtemps après, Mariam dira que c’est le moment où Jemima-Jim est né, l’instant qui a tout commencé, quand est apparu un visage nouveau sur ce courant de leur histoire.

(Esta noite, no pequeno quarto clareado pelas velas, onde o vento agita os telhados, Jean e Mariam vão fazer amor docemente, por muito tempo, até tocar aquele ponto, aquele êxtase luminoso que ninguém pode explicar e que os vivos, algumas vezes, atingem e que sela seus futuros. Mais tarde, muito tempo depois, Mariam dirá que foi nesse momento que nasceu Jemima-Jim, o instante em que tudo começou, quando apareceu um novo rosto no caminho desta história.)

Jemima-Jim, futuro filho de Jean e Mariam, receberá, ele também, a tarefa de garantir a identidade e o destino de seus ancestrais e de, por ele próprio, construir sua história, também intemporal, também simbólica e ritualística como os mitos e símbolos que, por ele, serão revisitados.

Aliás, todo esse processo de ficcionalização de realidades diferentes, mas que se dialogam, constitui um exercício de restauração e manutenção de realidades culturais, cada uma no seu espaço de origem, mas, ao mesmo tempo, cada uma se manifestando

como um conjunto de traços identitários próprios<sup>20</sup>. Estes, instrumentalizados por uma linguagem e um discurso literários assinalam, suportam e apaziguam a dolorosa ambiguidade dessa modernidade vivenciada na dor de uma colonização e de uma busca da consciência cultural.

Resumindo essas ponderações ainda incompletas a guisa de uma conclusão sempre inacabada, cumpre lembrar que a análise aqui alinhavada conduz a uma visada não só literária, mas também cultural, em que os olhares se voltam para a compreensão e valor de uma produção distanciada pelo espaço de uma realidade geográfica, mas, entretanto, muito próxima do ponto de vista de interações e diálogos. O prosador-poeta sente cada vez mais que a literatura deve apreender as inúmeras possibilidades do real, substituindo a cosmovisão tradicionalmente coerente e organizada, por outro olhar que antecipa e oferece um universo significativo, um mundo existencial no qual se privilegia o que existe significativamente, a partir de uma percepção através de traços sensíveis da experiência pessoal, transformadora.

Nesse sentido, pode-se inferir que o conceito de transculturação, antecipado por Ortiz e consolidado por Rama, acolhe e reconhece o trabalho de Le Clezio, ainda que não ligado explicitamente à América Latina, como exemplos de uma transculturação narrativa visto que esse procedimento desenha um processo de transformação da literatura, em que o escritor se apodera de uma linguagem sem cair na armadilha de usar linguagens diferentes, a do narrador e a do personagem.

Mais uma vez: o discurso poético, literário, não reconhece ou abriga diferenças e oposições. A partir das ambiguidades, especificidades, contornos e identidades próprias à sua linguagem e sua condição criadora, a literatura, através de seu projeto de ficcionalização de uma história/estória, faz sobreviver os povos e sua substância, sua essência condensada, dinâmica e mutante, mas, sempre essência! Este escritor, dentre outros, (re) cria uma nova história, ficção-escritura, com novas raízes, agora destituídas de um poder ou de exclusões impositivas para fazer valer um projeto maior, no qual os limites serão as características imanentes a cada personalidade revisitada pela lembrança e ficcionalizada pela palavra escritural que dialoga em favor da integração e reatualização

---

<sup>20</sup> Ainda que o tema da identidade e das questões pós-colonialistas não seja objeto de análise aprofundada nesse trabalho, apontamos a presença de textos e reflexões pertinentes, esclarecedores de inúmeras características e condições entre as diferentes sociedades e seus graus de relacionamento. A título de exemplo, lembramos os estudos de Benedict Andersen, Homi Bhaba, dentre outros. Aqui, preferimos salientar o diálogo com os críticos e estudiosos latino-americanos, estabelecendo um processo de interação e convivência mais próximas ideológica e culturalmente.

buscadas e do modelo de “família” transcultural que se acredita ainda conceber em uma prática, utópica mas generosa na sua projeção humanitária e universalizante.

Inconcluindo essas anotações, a epígrafe que anuncia esse texto, agora tem seu sentido, sua justificativa e sua força regenerativa que fortalece o homem, seu lugar de fala e sua história, fortalecendo também suas verdades e suas revelações. Jean - a partir de um lugar de fala construído artesanalmente pela memória ficcional de um cuidadoso, apaixonado e criativo Le Clezio - ao ser feito história, escolheu também ter história e fez dela uma apaixonada busca das origens; uma revelação única e “irrepetível” de seu estar e permanecer, eternamente, no mundo. Provavelmente, uma nova viagem, um novo nômade, um eterno exílio ...

### Referências Bibliográficas

ACHUGAR, H. **La Biblioteca em ruínas**: Reflexiones culturales desde la Periferia. Montevideo: Ediciones Trilce, 1994.

BAUDELAIRE, C. O pintor da vida moderna. In: BAUDELAIRE, C. **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995.

BONNEFOY, Y. **Diccionario de mitologias**. Barcelona: Edition Backlist, 2010.

DELEUZE, G. **O que é a Filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1992.

FEATHERSTONE, M. **O desmanche da cultura**: globalização, pós-modernismo, identidade. São Paulo: Studio Nobel, SESC. 1997.

LE CLÉZIO, J-M. G. **Révolutions**. Paris : Gallimard. 2003.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais/Projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

PAGEAUX, D.-H. **Musas na encruzilhada**: Ensaios de Literatura Comparada (Coordenação de Marcelo Marinho, Denise Almeida Silva e Rosani Umbach). Santa Maria-RS: Editora da UFSM/URI, 2011.

PAREYSON, L. **Verdade e Interpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2005

PIMENTEL, M. Da memória à fabulação: por uma serialização do passado. In: **Gândara**: literatura e violência. Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses Rio de Janeiro, n. 2, 2007.

REIS, L. **América Latina** – integração e interlocução. Rio de Janeiro: 7 Letras; Santiago, Chile: Usach, 2011.

RICOEUR, P. **La lectura del tiempo pasado**: memoria y olvido. Madrid: Ediciones de La Universidad Autónoma de Madrid, 1999.

Artigo recebido em: 15.08.2014

Artigo aprovado em: 18.11.2014

Letras & Letras